

CONFIGURAÇÃO FAMILIAR, GÉNERO E *COPING* EM ADOLESCENTES: PAPEL DOS PARES

Mónica Costa^{*}
Catarina Pinheiro Mota[#]

RESUMO. Relações interpessoais estabelecidas no contexto de institucionalização, nomeadamente com os pares, são fontes relevantes de suporte emocional e facilitador do processo adaptativo na fase de transição para a adultícia. O objectivo do presente estudo prende-se com a análise da qualidade da ligação de adolescentes aos pares e do seu efeito preditor nas estratégias de *coping* dos jovens. Pretende-se ainda testar o papel moderador da configuração familiar e do género na associação entre a ligação aos pares e as estratégias de *coping*. A amostra é composta por 311 adolescentes, 145 institucionalizados e 166 de famílias tradicionais, entre os 14 e os 18 anos, de ambos os géneros. A recolha de dados foi realizada através da *Rosenberg Self-esteem Scale* (Rosenberg, 1965), *Inventory of Peer and Parental Attachment* (Armsden & Greenberg, 1987) e o *COPE Inventory* (Carver, Weintraub & Scheider, 1989). Os resultados sugerem que a qualidade da ligação aos pares se mostra relevante na predição das estratégias de *coping* adaptativas (*coping* activo e uso de suporte social emocional).

Palavras-chave: Institucionalização; ligação aos pares; estratégias de *coping*.

FAMILY CONFIGURATION, GENDER AND COPING IN ADOLESCENTS: THE ROLE OF PEERS

ABSTRACT. The establishment of relationships with peers, in the context of institutionalization, is an important emotional support and facilitates the adaptation process in the transition to adulthood. The goal of this study was to analyze the importance of the relational quality with peers and their predictive effect on the coping strategies of adolescents. We also tested the effects of family configurations and genders on the association between the relationship quality with peers and coping strategies. The participants were 311 adolescents, 145 institutionalized and 166 from traditional families, 14 to 18 aged from both genders. Data was collected through Rosenberg Self-esteem Scale (Rosenberg, 1965), Inventory of Peer and Parental Attachment (Armsden & Greenberg, 1987) and COPE Inventory (Carver, Weintraub & Scheider, 1989). The results suggest that the quality of attachment to peers is relevant to predict coping strategies of adolescents, especially adaptive coping strategies (active *coping* and use of emotional social support).

Key words: Institutionalization; attachment; coping.

CONFIGURACIÓN FAMILIAR, GÉNERO Y EL *COPING* EN ADOLESCENTES: EL ROL DE LOS PARES

RESUMEN. El establecimiento de las relaciones interpersonales en el contexto de la institucionalización, en particular con los pares es un importante fuente de apoyo emocional y facilitador del proceso de adaptación en la transición hacia la edad adulta. El objetivo de este estudio es el análisis de la calidad de la relación con los pares y su efecto predictivo en las estrategias de *coping* de los jóvenes. Otro objetivo es poner a prueba el papel moderador de la configuración familiar y el género en la asociación entre la relación con los pares y estrategias de *coping*. La muestra está compuesta por 311 adolescentes, 145 y 166 familias tradicionales institucionalizadas, entre 14 y 18 años, de ambos sexos. Los datos han sido recogidos con recurso al Rosenberg Self-esteem Scale (Rosenberg, 1965), Inventory of Peer and Parental Attachment (Armsden & Greenberg, 1987) y COPE Inventory (Carver, Weintraub & Scheider, 1989). Los resultados sugieren que la calidad de los enlaces a los pares que se indica en la predicción de estrategias adaptativas (*coping* activo y el uso de apoyo social y emocional).

Palabras-clave: Institucionalización; los pares; las estrategias de *coping*.

^{*} Mestre em Psicologia Clínica. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD).

[#] Doutora em Psicologia (Consulta Psicológica e Familiar), Investigadora do Centro de Psicologia da Universidade do Porto, Portugal. Professora Auxiliar na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal.

ADOLESCÊNCIA E A IMPORTÂNCIA DA RELAÇÃO COM OS PARES EM CONTEXTOS DESENVOLVIMENTAIS DISTINTOS

Quando abordamos a temática da institucionalização de jovens, destacamos desde logo a importância da qualidade das relações que este meio é capaz de proporcionar-lhes. Bowlby (1980) defendeu, através da Teoria da Vinculação, a necessidade universal de estabelecer ligações afectivas de proximidade. Ao longo do tempo, com a progressiva maturidade emocional, as necessidades afectivas vão sendo preenchidas por outras figuras além dos cuidadores primários, nomeadamente, os pares (Ainsworth, Blehar, Watters, & Wall, 1978). Neste sentido, os pares tornam-se importantes fontes de apoio emocional, pela reciprocidade que caracteriza estas relações (Allen, Porter, McFarland, McElhane & Marsh, 2007).

No caso específico dos jovens institucionalizados, os factores de risco associados a este contexto podem ser minimizados quando são considerados factores de protecção relacionados com as circunstâncias contextuais e emocionais, passadas ou presentes destes jovens (Mota & Matos, 2010). Desta forma, a instituição de acolhimento surge como um contexto desenvolvimental facilitador do desenvolvimento de relações organizadoras na vida dos adolescentes, salientando-se a relação com os pares. Neste sentido, os pares são extremamente importantes na vida destes adolescentes, não só pelo acompanhamento das mudanças próprias desta fase, mas também pela sensação de suporte advinda de uma elevada proximidade, partilha, reciprocidade e similitude vivencial. Com efeito, uma boa integração no grupo de pares confere nos jovens uma satisfação capaz de aumentar a autoestima (Nunes, 2010).

Outro contexto desenvolvimental de relevo neste estudo é a família tradicional, considerada inúmeras vezes a rede de apoio mais próxima da criança. Hawley e DeHann (1996) defendem que o vínculo positivo entre a criança e os pais ou cuidadores, a ausência de discórdia conjugal e o enfrentamento dos problemas de forma positiva estão relacionados com um ajustamento positivo perante a adversidade. Neste sentido, independentemente da configuração familiar, o estabelecimento de ligações de qualidade com pares pode funcionar como um importante auxílio em situações de estresse.

Destarte, o grupo de pares representa um excelente contexto de aprendizagem de competências e de resolução de dificuldades. De forma geral, é no contexto de pares que se aprendem e experienciam diversas formas de estar, pensar e ser, validando assim o sentimento de identidade (Meeus, Iedema, Maassen,

& Engels, 2005). Neste sentido, a literatura suporta que relações de qualidade estabelecidas pelos jovens facilitam o desenvolvimento de competências pessoais e sociais (Siqueira, Tubino, Schwarz, & Dell'Aglio, 2009). De seguida, serão abordadas as implicações destas relações no desenvolvimento do *coping* dos adolescentes.

COPING E VINCULAÇÃO NA ADOLESCÊNCIA

A adolescência constitui-se, em si mesma, como um período desenvolvimental conturbado, dado que os jovens estão expostos a novas exigências e a mudanças físicas, cognitivas e sociais. Além disso, é marcada por dificuldades como conflitos com os pares e com a família, preocupações escolares, entre muitos outros. Desta forma, o estresse psicossocial marcado neste período desenvolvimental e a forma como os adolescentes desenvolvem o *coping* constituem um importante factor no seu processo adaptativo.

O *coping* é definido por Lazarus e Folkman (1984, p. 141) como “*constantly changing cognitive and behavioural efforts to manage specific external and/or internal demands that are appraised as taxing or exceeding the resources of the person*”.

É possível encontrar na literatura diversas referências da interacção de variáveis como a idade, o género, o ambiente familiar e os recursos sociais nas estratégias de *coping* (Diehl & Hay, 2010). Além disso, originalmente considera-se que a ausência de responsividade das figuras cuidadoras influencia os comportamentos imediatos das crianças, assim como as relações interpessoais futuras na adolescência e adultez (Ainsworth, Blehar, Watters, & Wall, 1978). Desta forma, tem-se sustentado claramente o papel moderador que a qualidade da ligação com figuras significativas, nomeadamente com os pares, exerce no desenvolvimento do *coping* (Siqueira, Betts, & Dell'Aglio, 2006).

Neste sentido, Seiffge-Krenke e Beyers (2005) realizaram um estudo longitudinal com 112 participantes, iniciado em adolescentes com catorze anos de idade e terminando sete anos depois. O objectivo do estudo era verificar as diferentes trajectórias do *coping* e as implicações desta variável ao longo do desenvolvimento dos adolescentes. Os resultados corroboraram o preconizado no modelo de Lazarus e Folkman (1984), evidenciando a importância da qualidade das ligações criadas com os cuidadores primários e o desenvolvimento futuro. Deste modo, adolescentes seguros apresentam, sobretudo, competências de *coping* interno, que tendencialmente aumentam com o avançar do tempo, assim como uma redução do *coping* reactivativo, em

comparação com adolescentes inseguros. Além disso, verificou-se que jovens seguros tendem a usar mais o *coping* activo comparativamente com jovens desligados e o *coping* interno em comparação com jovens preocupados. Neste sentido, os resultados evidenciam a disponibilidade dos indivíduos para usar estratégias activas quando sentem o apoio da família e amigos (Seiffge-Krenke & Beyers, 2005). De forma geral, as conclusões enfatizam as diferenças nas trajectórias do *coping* ao longo do desenvolvimento dos indivíduos e dos diferentes estilos de vinculação. Os resultados demonstram que adolescentes seguros mostram-se mais competentes em lidar com eventos estressores, pela capacidade de procurar apoio e reflectir sobre as possíveis soluções. Por seu turno, adolescentes inseguros mostram-se menos disponíveis para procurar apoio nos outros e utilizam estratégias de evitamento perante situações de estresse, devido à dificuldade de gerir-se emocionalmente (Dozier, Stovall-McCough, & Albus, 2008).

Diante de factores potencialmente geradores de desequilíbrio, os mecanismos de protecção - como uma autoestima positiva, uma adequada ligação aos pares e estratégias de *coping* adaptativas - constituem elementos fulcrais no restabelecimento do equilíbrio perdido e na capacidade de fazer face à adversidade (Pesce, Assis, Santos, & Oliveira, 2004). Deste modo, relações de qualidade com os pares funcionam como um factor protector que está relacionado com o desenvolvimento da capacidade de enfrentar as adversidades, fomentando processos de resiliência e o desenvolvimento adaptativo (Mikulincer & Shaver, 2007). Apesar do interesse pelo *coping* ser crescente, este tem sido pouco explorado em contextos institucionais, pelo que será abordado de seguida neste estudo.

ESTUDO EMPÍRICO

Objectivo

O presente estudo pretende analisar a importância da qualidade das ligações com figuras significativas (pares), bem como da autoestima no desenvolvimento de estratégias de *coping* dos adolescentes em configurações familiares distintas (institucionalização e famílias tradicionais). Pretende-se ainda testar o papel moderador da configuração familiar (institucionalização e famílias tradicionais) e do género na associação entre a qualidade da ligação aos pares e as estratégias de *coping*.

hipóteses

De acordo com o objectivo proposto, espera-se que a qualidade da ligação aos pares e a autoestima

tenham um efeito positivo significativamente predictor no desenvolvimento do *coping*. Ao mesmo tempo, espera-se que a configuração familiar não exerça um papel moderador na associação entre a qualidade da ligação com os pares e o desenvolvimento do *coping*. Por fim, espera-se que o género exerça um papel moderador na associação entre a qualidade da ligação com os pares e o desenvolvimento do *coping*.

Participantes

A amostra do estudo constituiu-se de 311 adolescentes, de idade entre os 14 e os 18 anos ($M=16.01$; $DP=1.142$), dos quais 111 eram do género masculino (35,7%) e 200 do género feminino (64,3%). A frequência escolar dos jovens situa-se entre o 5º e o 12º ano de escolaridade ($M=6.36$; $DP=1.78$). Quanto à situação familiar, verifica-se que 166 dos jovens provêm de famílias tradicionais (53,4%) e 145 vivem em instituições de acolhimento (46,6%).

Instrumentos

De acordo com os resultados psicométricos encontrados, verificam-se características robustas dos instrumentos, correspondendo à estrutura original dos autores, não só ao nível da consistência interna, mas também ao da confirmação empírica dos modelos teóricos propostos. Desta forma, justifica-se a utilização fiável destes instrumentos no presente estudo.

Neste sentido, utilizou-se um questionário demográfico, que teve por objectivo acessar um conjunto de dados relativos às dimensões sociodemográficas dos participantes. Foram utilizados dois questionários demográficos em função da configuração familiar em causa (adolescentes de famílias tradicionais e institucionalizados). Ambos os questionários permitiram obter informação de natureza pessoal, familiar e escolar.

Foi usado o *Inventory of Peer and Parental Attachment* (IPPA), versão pares, para avaliar a qualidade da ligação com os pares na adolescência (Armsden & Greenberg, 1987). Trata-se de um questionário de autorrelato, desenvolvido por Armsden e Greenberg (1987; Adaptação de Ferreira & Costa, 1998). É constituído por 25 itens, em que estão presentes três dimensões: confiança, comunicação e alienação. Cada item é avaliado através de resposta tipo *Likert* com 6 pontos. Os alfas de Cronbach para a presente amostra foram: Confiança=0.87; Comunicação= 0.85 e Alienação= 0.76. A análise factorial confirmatória apresenta índices de ajustamento adequados para o modelo ($RMR= 0.046$; $GFI= 0.968$; $AGFI= 0.924$; $CFI= 0.981$; $RMSEA= 0.077$). Das análises efectuadas confirma-se um

ajustamento adequado ao modelo teórico do IPPA, com valores [$\chi^2(28) = 42.670$; $p = 0.018$].

O *Cope Inventory* foi utilizado para avaliar as diferentes formas como cada indivíduo responde ao estresse, ou seja, para avaliar estratégias de *coping* (Carver, Weintraub & Scheider, 1989; adaptado por Cabral & Matos, 2004). Trata-se de um instrumento de autorrelato constituído originalmente por onze dimensões. No presente estudo serão usadas apenas três dimensões, a saber: *active coping* (*coping* activo), *denial* (negação) e *use of emotional social support* (uso de suporte social emocional). A análise factorial confirmatória apresenta índices de ajustamento adequados para o modelo (RMR= 0.063; GFI= 0.948; AGFI= 0.909; CFI= 0.936; RMSEA= 0.066). Das análises efectuadas confirma-se um ajustamento adequado ao modelo teórico do *COPE Inventory*, [$\chi^2(55) = 89.549$; $p = 0.000$].

Por último, utilizou-se a *Rosenberg Self-esteem Scale* (Rosenberg, 1965, adaptação de Rocha & Matos, 2003) para medir a autoestima pessoal global. Trata-se de uma escala unidimensional constituída por dez itens. O alfa de Cronbach para a presente amostra foi .83. A análise factorial confirmatória apresentou índices de ajustamento adequados (RMR= 0.053; GFI= 0.952; AGFI= 0.914; CFI= 0.960; RMSEA= 0.066), [$\chi^2(31) = 72.807$; $p = 0.003$].

Procedimento

O presente trabalho enquadra-se numa investigação de índole transversal, uma vez que a recolha de dados se efectuou num único momento, em uma escola secundária e doze instituições de acolhimento das regiões Norte e Centro de Portugal. A recolha de informações foi realizada mediante questionários de autorrelato e uma ficha demográfica. O preenchimento dos diversos questionários decorreu em contexto grupal, em sala de aula ou institucional. Foram aplicados após prévio consentimento informado, conforme solicitado ao Conselho Executivo da Escola e directores das respectivas instituições, os quais aprovaram o carácter ético da investigação. Apesar de alguma resistência por parte dos jovens institucionalizados, sua adesão foi considerável. Cabe ressaltar que em cada administração os jovens receberam um conjunto de instruções *standard*, sendo-lhes explicados, de forma sucinta, os objectivos gerais do estudo, assim como as instruções para o preenchimento dos questionários de autorrelato. Foi-lhes também assegurada a total confidencialidade e anonimato das suas respostas. Além disso, enfatizou-se claramente o carácter voluntário da sua colaboração e participação. Por último, salienta-se que a ordem dos questionários foi invertida aleatoriamente, no intuito de evitar o

enviesamento dos resultados decorrente do factor cansaço e da sequência dos instrumentos.

RESULTADOS

Predição do *coping* em função das variáveis relacionais, configuração familiar e género – modelo de regressões múltiplas hierárquicas

Nesta parte do estudo realizou-se uma análise de regressão múltipla hierárquica utilizando-se como variável dependente o *coping*. Os resultados foram analisados tendo em conta as dimensões *coping* activo, negação e uso de suporte social emocional do *coping*. Optou-se pelo método hierárquico, em comparação com a regressão simples, uma vez que este permite obter resultados mais rigorosos. Neste sentido, foi-nos possível obter um controlo das variáveis precedentes, em que apenas uma variável é testada enquanto preditora de um resultado. Além disso, uma vez que este método engloba todas as variáveis independentes, foi possível observar os resultados em termos de modelo global, tratando-se assim de uma análise integrativa, e não parcelar; por conseguinte, são ponderados os efeitos de todas as variáveis.

Em conformidade com os objectivos propostos, foi testado o efeito preditor da qualidade dos laços afectivos com os pares nas estratégias de *coping*. Esta análise foi realizada com quatro blocos, no intuito de verificar a importância do género, da configuração familiar, da ligação com os pares e da autoestima dos adolescentes nas estratégias de *coping*, principalmente no *coping* activo. Neste sentido, no bloco 1 introduziu-se o género, que explica 0% da variância total ($R^2 = 0.000$), contribuindo individualmente com 0% da variância para o modelo ($R^2\text{change} = 0.000$). Relativamente ao bloco 2, a configuração familiar explica 2.8% da variância total ($R^2 = 0.028$), o que corresponde a um contributo individual de 2.8% ($R^2\text{change} = 0.028$) da variância para o modelo. No bloco 3 foi introduzida a ligação com os pares, que explicou 26% da variância total ($R^2 = 0.261$), apresentando um contributo individual de 23% ($R^2\text{change} = 0.233$). Para finalizar, no bloco 4 foi introduzida a autoestima, que explica 28% do modelo total ($R^2 = 0.283$), contribuindo individualmente com 2.2% da variância para o modelo ($R^2\text{change} = 0.022$). Pela análise das variáveis independentes dos blocos, verificou-se que três apresentam uma contribuição significativa ($p < 0.05$). Apresentadas por ordem de importância, as variáveis são: a comunicação com os pares ($\beta = 0.220$), a confiança nos pares ($\beta = 0.215$) e a autoestima ($\beta = 0.184$) (Tabela 1).

Tabela 1. Regressão Múltipla Hierárquica para o *Coping* Activo

	R2	R2 change	B	SE	β	Sig.
Bloco 1	000	0.000				
Gênero						
Bloco 2	028	0.028				
Configuração familiar						
Bloco 3 – IPPA	261	0.233				
Comunicação			0.287	0.106	0.220	0.007
Confiança			0.283	0.117	0.215	0.016
Alienação						
Bloco 4 – RSES	283	0.022				
Auto-estima			0.260	0.085	0.184	0.002

Nota. B, SE e β para um nível de significância de $p < 0.05$

Bloco 1- Gênero;

Bloco 2-Configuração familiar;

Bloco 3- Dimensões de ligação aos pares (IPPA);

Bloco 4- Auto-estima (Rosenberg).

Posteriormente, realizou-se uma análise de regressão múltipla hierárquica, utilizando-se como variável dependente a negação. Esta análise foi realizada com quatro blocos, no intuito de verificar a importância do gênero, da configuração familiar, da ligação com os pares e da autoestima do adolescente nas estratégias de *coping*, designadamente, a negação. Neste sentido, no bloco 1 introduziu-se o gênero, que explica 0.7% da variância total ($R^2 = 0.007$), contribuindo individualmente com 0.7% da variância para o modelo ($R^2\text{change} = 0.007$). Relativamente ao bloco 2, a configuração familiar explica 13.7% da variância total ($R^2 = 0.137$), o que corresponde a um contributo individual de 13% ($R^2\text{change} = 0.130$) da variância para o modelo. No bloco 3 foi introduzida a ligação com os pares, que explicou 33% da variância total ($R^2 = 0.331$), apresentando um contributo individual de 19% ($R^2\text{change} = 0.194$). Para finalizar, no bloco 4 foi introduzida a autoestima, que explica 33.5% do modelo total ($R^2 = 0.335$), contribuindo individualmente com 0.4% da variância para o modelo ($R^2\text{change} = 0.004$). Pela análise das variáveis independentes dos blocos, verificou-se que duas apresentam uma contribuição significativa ($p < 0.05$). Apresentadas por ordem de importância, as variáveis são: a alienação na ligação aos pares ($\beta = 0.410$) e a configuração familiar (famílias tradicionais) ($\beta = 0.148$) (Tabela 2).

Tabela 2. Regressão Múltipla Hierárquica para a Negação

	R2	R2 change	B	SE	β	Sig.
Bloco 1	007	0.007				
Gênero						
Bloco 2	137	0.130				
Configuração familiar			0.345	0.121	0.148	0.005
Bloco 3 – IPPA	331	0.194				
Comunicação						
Confiança						
Alienação			0.515	0.075	0.410	0.000
Bloco 4 – RSES	335	0.004				
Auto-estima						

Nota. B, SE e β para um nível de significância de $p < 0.05$

Bloco 1- Gênero;

Bloco 2-Configuração familiar;

Bloco 3- Dimensões de ligação aos pares (IPPA);

Bloco 4- Auto-estima (Rosenberg).

Para finalizar, realizou-se uma análise de regressão múltipla hierárquica, utilizando-se como variável dependente o uso de suporte social emocional. Esta análise foi realizada com quatro blocos, no intuito de verificar a importância do gênero, da configuração familiar, da ligação com os pares e da autoestima do adolescente nas estratégias de *coping*, mais especificamente, no uso de suporte social emocional. Neste sentido, no bloco 1 introduziu-se o gênero, que explica 2.3% da variância total ($R^2 = 0.023$), contribuindo individualmente com 2,3% da variância para o modelo ($R^2\text{change} = 0.023$). Relativamente ao bloco 2, a configuração familiar explica 2.4% da variância total ($R^2 = 0.024$), o que corresponde a um contributo individual de 0,2% ($R^2\text{change} = 0.002$) da variância para o modelo. No bloco 3 foi introduzida a ligação com os pares, que explicou 22.6% da variância total ($R^2 = 0.226$), apresentando um contributo individual de 20% ($R^2\text{change} = 0.201$). Para finalizar, no bloco 4 foi introduzida a autoestima, que explica 22.6% do modelo total ($R^2 = 0.226$), contribuindo individualmente com 0% da variância para o modelo ($R^2\text{change} = 0.000$). Deste modo, analisando-se individualmente o contributo de cada uma das variáveis independentes dos blocos, constata-se que apenas uma apresenta uma contribuição significativa ($p < 0.05$). Neste caso, trata-se da comunicação com os pares ($\beta = 0.349$) (Tabela 3).

Tabela 3. Regressão Múltipla Hierárquica para o Uso de Suporte Social Emocional.

	R2	R2 change	B	SE	β	Sig.
Bloco 1	023	0.023				
Género						
Bloco 2	024	0.002				
Configuração familiar						
Bloco 3 – IPPA	226	0.201				
Comunicação			0.547	0.133	0.349	0.000
Confiança						
Alienação						
Bloco 4 – RSES	226	0.000				
Auto-estima						

Nota. B, SE e β para um nível de significância de $p < .05$.

Bloco 1- Género;

Bloco 2-Configuração familiar;

Bloco 3- Dimensões de ligação aos pares (IPPA);

Bloco 4- Auto-estima (Rosenberg).

Papel moderador da configuração familiar na associação entre qualidade da ligação aos pares e as estratégias de coping

Foi medido o efeito da configuração familiar na associação entre os índices de segurança e o *coping*. Foi realizada uma categorização dos índices de segurança em relação aos pares, que permitiu obter dois níveis, mais especificamente, os seguros e inseguros. A realização desta categorização foi possível através da obtenção da média proveniente da formulação das dimensões do IPPA (Comunicação + Confiança – Alienação/3), sendo inseguros com média < 2.4 e seguros com média > 2.4 . A MANCOVA realizada revela que a interação entre a ligação aos pares e a configuração familiar afecta significativamente as estratégias de *coping* [$F(5, 288) = 2.663; p = 0.023$], apenas nas dimensões de *coping* activo [$F(1, 292) = 4.323; p = 0.038$] e negação [$F(1, 292) = 3.968; p = 0.047$]. Através da análise das diferenças (post-hoc) constatou-se que os jovens institucionalizados com um elevado índice de segurança aos pares, têm maior uso de *coping* activo do que adolescentes de famílias tradicionais com um índice baixo de segurança aos pares. Verificou-se ainda que os jovens institucionalizados com um elevado índice de segurança aos pares, têm menor uso da negação do que os jovens com um índice baixo de segurança aos pares, que apesar de viverem numa família intacta recorrem mais à negação.

Papel moderador do género na associação entre qualidade da ligação aos pares e o coping

Posteriormente, realizou-se uma MANCOVA bifactorial no sentido de testar o efeito moderador do género na associação entre os índices de segurança e o

coping. Os resultados revelam a inexistência da interacção dos índices de segurança e do género nas estratégias de *coping* [$F(5, 288) = 1.346; p = 0.245$], o que implica que não existe um papel moderador do género entre a ligação com os pares e as estratégias de *coping*.

DISCUSSÃO

O presente trabalho possibilitou o estabelecimento de algumas considerações relevantes em torno da temática de adolescentes de diferentes configurações familiares, nomeadamente, a importância da qualidade da ligação com figuras significativas (pares) para sua adaptação psicossocial.

O *coping* constitui uma variável de relevo, pelo interesse crescente em perceber as distintas formas de adaptação a circunstâncias adversas dos jovens em diferentes contextos. Neste sentido, o presente estudo evidenciou que o *coping* activo é predito significativamente pela comunicação e confiança nos pares, bem como pela autoestima dos jovens. Um dos pressupostos teóricos aponta a importância da qualidade das relações que os adolescentes estabelecem com figuras significativas para a construção de modelos internos dinâmicos relacionados com estratégias adaptativas perante situações de estresse. O *coping* activo, ao simbolizar a procura activa por informação e a mobilização de recursos sociais para tentar resolver a situação estressante, é descrito como uma estratégia de *coping* adaptativa (Dias, Cruz & Fonseca, 2009). Num estudo levado a cabo por Seiffge-Krenke e Beyers (2005), verificou-se que jovens com ligações seguras tendiam a recorrer mais a estratégias de *coping* activo, comparativamente com jovens com ligações inseguras. Ainda conclusões de Howard e Medway (2004) apontam que jovens com estilos de vinculação segura tendem a aumentar a comunicação com a família e reduzir o recurso de estratégias de evitamento, ao passo que jovens inseguros tendem a evitar estratégias de *coping* positivo, provavelmente pela falta de confiança nos outros, por sentimentos de pouco apoio ou por não reconhecerem a necessidade de ajuda. Deste modo, compreende-se a importância da comunicação com os pares e da confiança neles enquanto preditores do *coping* activo como estratégia adaptativa e funcional. Além disso, uma boa autoestima proporciona aos jovens ter uma percepção positiva de si, o que, por sua vez, permite-lhes perceber o exterior de forma menos ameaçadora, ter estratégias de *coping* mais adequadas e sentir-se bem consigo e com os outros (Valente, 2002).

Ademais, os resultados sugerem que a alienação em relação aos pares e a configuração familiar mostram um efeito significativo na negação. Neste sentido, tal como seria esperado na literatura, a negação encontra-se associada à alienação em relação aos pares. Estes resultados corroboram a literatura, na medida em que adolescentes seguros procuram apoio e reflectem sobre as possíveis soluções, ao passo que adolescentes inseguros não estão tão disponíveis para procurar apoio nos outros e usam estratégias de evitamento. Neste sentido, parece que em adolescentes inseguros aumenta o risco de obter resultados desadaptativos, já que as estratégias de *coping* usadas podem não originar a redução dos factores de estresse (Seiffge-Krenke & Beyers, 2005). Neste caso, a configuração familiar significativa são as famílias tradicionais, o que sugere que os jovens provenientes desta configuração familiar tendem a rejeitar a realidade do acontecimento estressante. Howard e Medway (2004) traçaram conclusões empíricas que indicam que jovens inseguros tendem a evitar estratégias de *coping* positivas, provavelmente pela falta de confiança nos outros, por sentimentos de falta de suporte e falta de reconhecimento da necessidade de apoio. Por seu turno, jovens inseguros apresentam capacidade de manter a comunicação familiar e reduzir o *coping* de evitamento, diminuindo o impacto do estresse.

No que concerne ao uso de suporte social emocional, apenas se constatou um poder explicativo da variável *comunicação com os pares*. Deste modo, adolescentes menos defensivos apresentam maior disponibilidade emocional, mostrando-se mais predispostos a se relacionar com os pares, e na maior parte das vezes neles se percebe simetria nas vivências emocionais (Mota & Matos, 2010). Nesta medida, a comunicação com os pares traduz um bom indicador de segurança, facto que é relevante na procura de suporte emocional. Estes resultados corroboram a literatura, segundo a qual adolescentes seguros procuram apoio e reflectem sobre as possíveis soluções, ao passo que adolescentes inseguros não estão tão disponíveis para procurar apoio nos outros, usando mais estratégias de evitamento.

Desta forma, salienta-se a importância das relações com os pares, dado que jovens que sentem proximidade nas suas relações apresentam maior capacidade de expressão emocional e de ideias, estabelecendo uma ligação positiva e empática com os demais. Neste sentido, torna-se claro que este sentimento de pertença e realização potencia o desenvolvimento de competências sociais nestes jovens (Mota & Matos, 2010). Nas análises realizadas com as dimensões de *coping* em função da configuração familiar dos adolescentes apenas se observaram diferenças significativas nas variáveis de

coping activo e negação. Nesta medida, através da análise das diferenças de acordo com o teste de Scheffé (*post hoc*), constatou-se que os jovens institucionalizados com um elevado índice de segurança em relação aos pares apresentam menor negação do que os jovens de famílias tradicionais com baixa segurança em relação aos pares. Estes resultados sugerem que os jovens de famílias tradicionais, estando num ambiente aparentemente mais estável do ponto de vista afectivo, ao desenvolverem baixa segurança em relação aos pares, apresentam maior negação diante de situações ansiogénicas. Assim sendo, uma baixa segurança na ligação com os pares parece constituir um factor de risco que evidencia alguma vulnerabilidade nos jovens; todavia, numa perspectiva crítica, ressaltamos a subjectividade da noção de adaptação e desadaptação em função da situação e do contexto. Neste sentido, adolescentes que numa situação específica optam pela fuga ou desvalorização poderão estar a desenvolver estratégias mais adaptativas mediante a situação em particular em face de seu estado emocional e suas competências pessoais (Mota, 2008). Desta feita, verificou-se que os jovens institucionalizados com um elevado índice de segurança em relação aos pares apresentam um maior uso de *coping* activo do que os jovens de famílias tradicionais com um índice baixo de segurança em relação aos pares. Estes resultados sugerem que os índices de segurança podem ser de extrema relevância, independentemente da configuração familiar. Neste sentido, na presente amostra os adolescentes institucionalizados parecem apresentar maior tendência a adoptar medidas de solicitação de ajuda para resolver uma situação problemática. Discutindo esta questão, julgamos que se trata de um dado positivo, uma vez que os jovens institucionalizados desenvolvem estratégias de solicitação directa de ajuda, o que implica confiança e percepção de disponibilidade, que se vão criando na dinâmica da relação da instituição de acolhimento. Green e Diaz (2008) apontam que jovens expostos a situações traumáticas desenvolvem diversas estratégias de *coping* com vista a aumentar o seu bem-estar. Neste ponto, importa salientar o papel que a ligação com figuras significativas tem no *coping* activo. Desta forma, a percepção de segurança proporcionada por essas figuras permite aos jovens adoptar estratégias de ajuda voltadas para o exterior, revelando uma forma aberta de enfrentar as dificuldades e perceber a possibilidade de serem ajudados com a ausência de medo de serem rejeitados (Al-Yagon & Mikulincer, 2006). Mais uma vez a literatura suporta esta posição, na medida em que jovens seguros manifestam maior tendência a resolver conflitos pela negociação, enquanto adolescentes inseguros parecem manifestar estratégias de *coping* de evitamento diante de conflitos (Howard & Medway, 2004). Cabe ressaltar que os jovens institucionalizados parecem oscilar entre a procura activa

da resolução problemática e, em casos de maior dificuldade, a adopção de comportamentos de negação. Por outro lado, julgamos que o *coping* activo também estará inerente nos jovens de famílias tradicionais, todavia parece não se destacar particularmente pelo cariz normativo, vulgarmente associado à ajuda natural que estes jovens desenvolvem no seio familiar. Assim, pode-se concluir que tanto a família como a instituição podem se configurar como factores de risco ou de protecção, e isto dependerá do que estes ambientes proporcionem, ou seja, da qualidade das relações que se estabelecem, da presença de afectividade e possível reciprocidade (Poletto & Koller, 2008).

Para finalizar, os resultados revelam a inexistência da interacção dos índices de segurança e do género nas estratégias de *coping*. Desta forma, não existe um papel moderador do género entre a ligação aos pares e as estratégias de *coping*. Estes resultados corroboram os dados encontrados por Dell'Aglio e Hutz (2002), numa amostra de 55 crianças de ambos os géneros, entre os oito e dez anos de idade, uma vez que não encontraram diferenças entre os géneros quanto às estratégias de *coping* utilizadas. Por outro lado, embora esta questão não tenha sido verificada no presente estudo, salientamos que outros dados na literatura reportam a existência de diferenças de género na forma de *coping*. Neste sentido, tradicionalmente o género feminino apresenta maior tendência a desenvolver estratégias de procura de suporte social, comparativamente aos rapazes; por outro lado, o género masculino parece desenvolver estratégias de evitamento (Eschenbeck, Kohlmann & Lohaus, 2007).

CONCLUSÃO

Cabe-nos salientar que a adolescência é um período repleto de desafios, em que o sistema de ligações assume um papel integrador. No caso dos jovens institucionalizados, é possível, não só por vivências passadas, mas também pela transição, seu desenvolvimento ser pautado por algumas dificuldades. Por outro lado, cumpre não esquecermos que, apesar da transição para um novo contexto, a instituição de acolhimento constitui um espaço para a construção de novos relacionamentos afectivos significativos. Nesta medida, a ligação com outras figuras de afecto assume um papel preponderante na trajectória desenvolvimental destes jovens, constituindo um factor de protecção diante de sua vulnerabilidade. As relações que os jovens estabelecem neste contexto são fundamentais, principalmente quando promovem sentimentos de segurança. Estes aspectos caracterizam jovens mais seguros e capazes de se relacionar positivamente,

razão pela qual podem alterar a sua trajectória desenvolvimental, tornando-os mais ajustados. Neste sentido, o estabelecimento de ligações seguras e saudáveis permite ultrapassar o risco, independentemente da configuração familiar.

Para finalizar, ressaltamos que o presente estudo mostrou pertinência na exploração de uma temática pouco abordada em Portugal: aquela relacionada com a vivência dos jovens institucionalizados. É sabido que a institucionalização de adolescentes afecta cada vez mais famílias em Portugal. Desta forma, justifica-se a pertinência deste estudo, no sentido de desmistificar crenças associadas muitas vezes a este contexto desenvolvimental, prejudicando assim o desenvolvimento adaptativo dos jovens. Neste sentido, dada a evidência de que tanto a autoestima como a qualidade das ligações com figuras significativas (pares) têm grande influência no desenvolvimento adaptativo dos jovens, considera-se que deve ser dado relevo a um projecto de intervenção numa perspectiva relacional que facilite o ajustamento adequado ante a adversidade. Nesta medida, pretendeu-se mostrar a relevância destas relações dentro das instituições e o seu contributo para o crescimento pessoal e o processo adaptativo dos jovens.

Por último, torna-se ainda relevante discutir algumas das dificuldades e limitações deste estudo. Ressaltamos o receio de invasão de privacidade e o medo de envolvimento físico e afectivo dos jovens institucionalizados, o que se traduziu na dificuldade em entrar nas instituições e alargar a amostra. Além disso, consideramos que em estudos futuros seria pertinente a realização de um estudo longitudinal, de forma a investigar a estabilidade da utilização das diferentes estratégias de *coping* e a sua adaptabilidade. Julgamos ainda pertinente a utilização de outras fontes, além da complementaridade das análises qualitativas desenvolvidas através de entrevistas com os jovens e seus cuidadores.

REFERÊNCIAS

- Ainsworth, M. D. S., Blehar, M. C., Watters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment: a psychological study of the strange situation*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.
- Allen, J. P., Porter, M., McFarland, C., McElhaney, K. B., & Marsh, P. (2007). The relation of attachment security to adolescents' paternal and peer relationships, depression, and externalizing behavior. *Child Development, 78*(4), 1222-1239.
- Al-Yagon, M., & Mikulincer, M. (2006). Children's appraisal of teacher as a secure base and their socio-emotional and academic adjustment in middle childhood. *Research in Education, 75*, 1-18.

- Armsden, G. C., & Greenberg, M. T. (1987). The Inventory of parent and peer attachment: Individual differences and their relationship to psychological well-being in adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, 16, 427-454.
- Bowlby, J. (1980). *Attachment and loss*. (Vol. III Sadness and depression). New York: Basic Books.
- Cabral, J., & Matos, P. (2004). *COPE. Adaptação para a população portuguesa*. Manuscrito não publicado. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto, Portugal.
- Carver, C. S., Weintraub, J. K., & Scheier, M. F. (1989). Assessing coping strategies: A theoretically based approach. *Journal of Personality and Social Psychology*, 56 (2), 267-283.
- Dell'Aglio, D. D., & Hutz, C. S. (2002). Estratégias de coping e estilo atribucional de crianças em eventos estressantes. *Estudos de Psicologia*, 7 (1), 5-13.
- Dias, C., Cruz, J. F., & Fonseca, A. M. (2009). Emoções, stress, ansiedade e coping: estudo qualitativo com atletas de elite. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 9 (1), 9-23.
- Diehl, M., & Hay, E. L. (2010). Risk and resilience factors in coping with daily stress in adulthood: the role of age, self-concept incoherence, and personal control. *Developmental Psychology*, 46 (5), 1132-1146.
- Dozier, M., Stovall-McCough, C., & Albus, K. (2008). Attachment and psychopathology in adulthood. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (2nd ed., pp. 718-744). New York: Guilford Press.
- Eschenbeck, H., Kohlmann, C. W., & Lohaus, A. (2007). Gender differences in coping strategies in children and adolescents. *Journal of Individual Differences*, 28(1), 18-26.
- Ferreira, M., & Costa, M. E. (1998). *Inventory of peer and parental attachment*. Adaptação do instrumento. Manuscrito não publicado. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto, Portugal.
- Green, D. L., & Diaz, N. (2008). Gender differences in coping with victimization. *Brief Treatment and Crisis Intervention*, 8, 195-203.
- Hawley, D. R., & DeHann, L. (1996). Toward a definition of family resilience: integrating life span and family perspectives. *Family Process*, 35(3), 283-298.
- Howard, M. S., & Medway, F. J. (2004). Adolescents' attachment and coping with stress. *Psychology in the Schools*, 41(3), 391-402.
- Lazarus, R. S., & Folkman, S. (1984). *Stress, appraisal and coping*. New York: Springer.
- Meeus, W., Iedema, J., Maassen, G., & Engels, R. (2005). Separation-individuation revisited: On the interplay of parent-adolescent relations, identity and emotional adjustment in adolescence. *Journal of Adolescence*, 28, 89-106.
- Mikulincer, M., & Shaver, P. (2007). *Attachment in adulthood: Structure, dynamics, and Change*. New York: The Guildford Press.
- Mota, C. P. (2008). *Dimensões relacionais no processo de adaptação psicossocial de adolescentes: vulnerabilidade e resiliência em institucionalização, no divórcio e em famílias intactas*. Tese de Doutoramento, Universidade do Porto, Porto. Recuperado em 20 de agosto, 2011, de Portugal. http://sigarra.up.pt/fpceup/publs_pesquisa.FormView?P_ID=73950.
- Mota, C. P., & Matos, P. M. (2010). Adolescentes institucionalizados: o papel das figuras significativas na predição da assertividade, empatia e autocontrolo. *Análise Psicológica*, 2(28), 245-254.
- Nunes, M. A. C. (2010). *Auto-conceito e suporte social em adolescentes em acolhimento institucional*. Tese de Doutoramento, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal.
- Pesce, R. P., Assis, S. G., Santos, N., & Oliveira, R. V. C. (2004). Risco e proteção: em busca de um equilíbrio promotor de resiliência. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20(2), 135-143.
- Poletto, M., & Koller, S. H. (2008). Contextos ecológicos: promotores de resiliência, fatores de risco e de proteção. *Estudos de Psicologia*, 25 (3), 405-416.
- Rocha, M., & Matos, P. M. (2003). *Rosenberg's self-esteem scale. Adaptação para a população portuguesa*. Manuscrito não publicado. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto, Portugal.
- Rosenberg, M. (1965). *Society and the adolescent self-image*. Princeton, NJ: Princeton University Press.
- Seiffge-Krenke, I., & Beyers, W. (2005). Coping trajectories from adolescence to young adulthood: Links to attachment state of mind. *Journal of Research on Adolescence*, 15, 561-582.
- Siqueira, A. C., Betts, M. K., & Dell'Aglio, D. D. (2006). A Rede de Apoio Social e Afetivo de Adolescentes Institucionalizados no Sul do Brasil. *Revista Interamericana de Psicología/Interamerican Journal of Psychology*, 40(2), 149-158.
- Siqueira, A. C., Tubino, C. L., Schwarz, C., & Dell'Aglio, D. D. (2009). Percepção das figuras parentais na rede de apoio de crianças e adolescentes institucionalizados. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 61(1), 176-190.
- Valente, M. I. P. (2002). *Autoconceito em estudantes de enfermagem: Estudo da interação entre vinculação e variáveis sócio-demográficas no autoconceito*. Coimbra: Quarteto Editora.

Recebido em 21-03-2012

Aceito em 18-07-2012

Endereço para correspondência: Mónica Raquel Saraiva da Costa. Departamento de Educação e Psicologia – Edifício do CIFOP. Rua Dr. Manuel Cardona – UTAD, Apartado 1013, 5001-558, Vila Real, Portugal.
E-mail: monica_raquelcosta@hotmail.com.